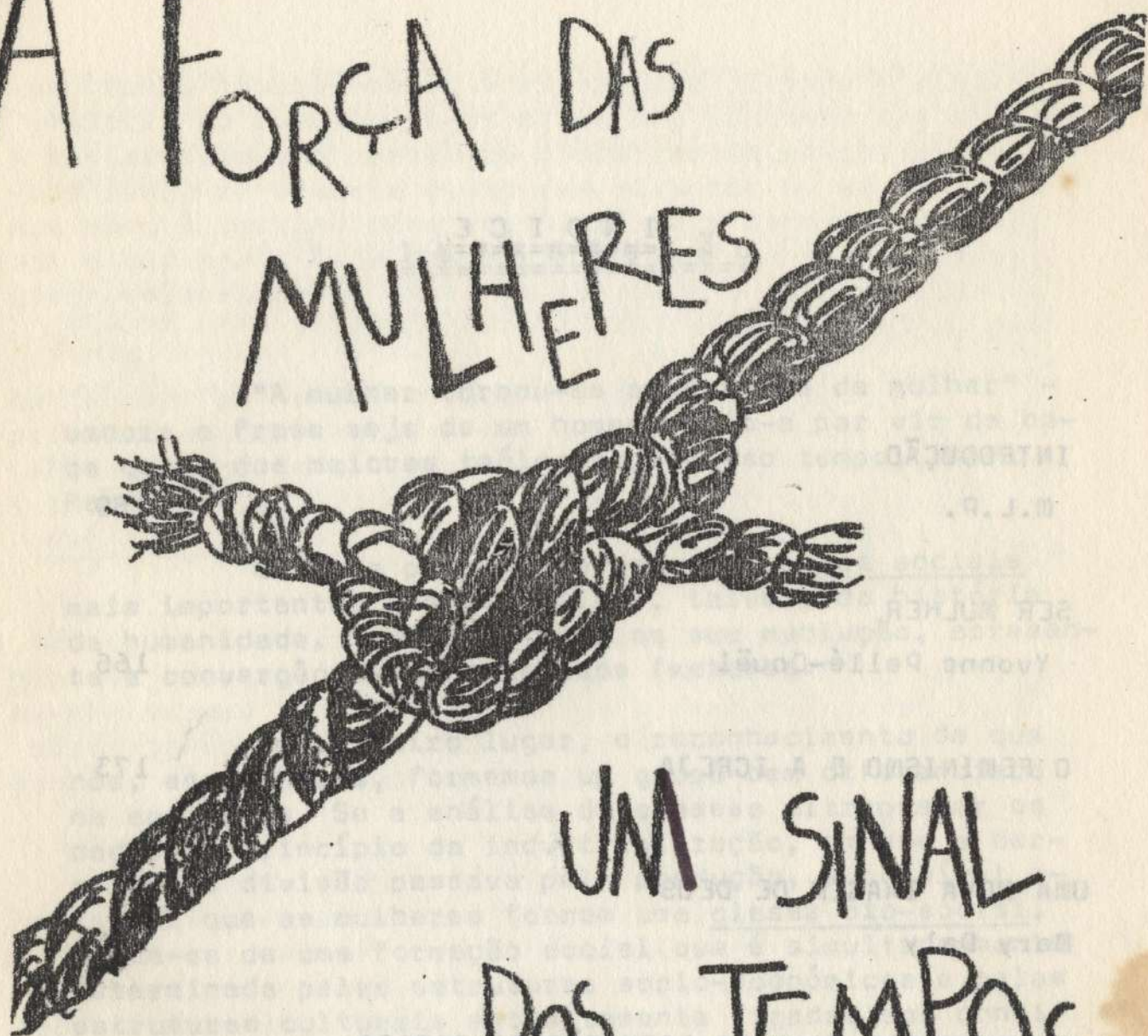


igreja em

diálogo

boletim  
de  
graal

# A FORÇA DAS MULHERES



## UM SINAL DOS TEMPOS

IGREJA-EM-DIÁLOGO

vol. xi nº4 dezembro 75

INDICE

INTRODUÇÃO	
M.L.P.	159
SER MULHER	
Yvonne Pellé-Douël	166
O FEMINISMO E A IGREJA	173
UMA NOVA IMAGEM DE DEUS	
Mary Daly	186
AS MULHERES NA NOVA SITUAÇÃO DA IGREJA	
Karl Rahner	193

INTRODUÇÃO

"A mulher tornou-se o problema da mulher" - embora a frase seja de um homem, cito-a por vir da boca de um dos maiores teólogos do nosso tempo, Karl Rahner.

Estamos perante um dos movimentos sociais mais importantes deste século e, talvez, da história da humanidade. Movimento que, na sua evolução, apresenta a convergência de numerosos factores:

Em primeiro lugar, o reconhecimento de que nós, as mulheres, formamos um grupo bem diferenciado na sociedade. Se a análise de classes ultrapassar os dados do princípio da industrialização, em que a barreira de divisão passava pela produção, é possível afirmar que as mulheres formam uma classe bio-social. Trata-se de uma formação social que é simultaneamente determinada pelas estruturas socio-económicas e pelas estruturas culturais estreitamente ligadas aos condicionamentos biológicos. A nossa condição biológica (psico-somática), assumida ao longo dos séculos como uma inferioridade e como tal traduzida em leis e comportamentos, vem reforçar a condição de menoridade cívica, de exploração social e económica, que é comum a outros grupos, e dar-lhe conotação própria. Assim, é pela sua capacidade de procriar que a mulher é relegada a um estatuto de cidadania de segunda classe, relegada

da para o domínio do privado e do doméstico; é por causa da sua absorção com as infra-estruturas da existência quotidiana, permitindo o bem-estar das pessoas, que a mulher se vê reduzida aos graus mínimos da qualificação profissional e aos salários mais baixos; é pela sua assimilação a uma função biológica e só a ela que o seu estatuto social é afectado, em todas as sociedades, pela sua conformidade ao modelo estabelecido.

Tudo isto poderia parecer apenas um "menos" em relação a outros grupos, se não ultrapassasse a barreira do humanamente possível; ora produz-se na sobreposição de todos estes "menos" um salto qualitativo que torna o grupo social formado pelas mulheres a camada mais desfavorecida da humanidade.

Não é por isso, de estranhar que ao longo dos últimos 10 anos tenha surgido no mundo uma onda crescente de descontentamento entre as mulheres, exprimindo-se numa tomada de consciência da sua condição de opressão e tomando corpo colectivamente na descoberta da sua própria força enquanto grupo.

Situa-se este movimento social na sequência das sucessivas vagas de conquista da auto-determinação e dos direitos humanos para os grupos discriminados, tutelados ou explorados. Luta das classes trabalhadoras contra a opressão de que são vítimas; luta pela independência dos povos colonizados; luta da juventude contra a tutela e os modelos dos adultos. Na ressaca de todas essas lutas, as mulheres que nelas se empenharam verificaram que não tinham deixado de ser oprimidas, colonizadas e tuteladas. E assim surge o maior movimento social de auto-determinação da história. Chamam-lhe uns

luta contra o sexismo; outros reduzem-no à sua expressão mais espectacular que são os movimentos de libertação; as mulheres falam de neo-feminismo ou de nova esquerda.

Na designação que damos ao nosso esforço colectivo, o que queremos dizer? É certo que o feminismo já teve neste século dois momentos significativos. O feminismo que nasceu da industrialização reivindicou para as mulheres a igualdade de direitos no domínio cívico e político. Mas o direito de voto não trouxe automaticamente o direito social de ser elegível para as funções públicas, nem o direito de escolher livremente o estado de vida ou o marido, nem aboliu a sujeição da mulher a normas jurídicas de dominação. Esse feminismo foi um patamar necessário, mas deixou-nos ainda no limiar da dignidade humana.

Por isso, gradualmente, foi crescendo um feminismo mais centrado nos direitos sociais da igualdade de salário, do retorno ao mundo do trabalho, da segurança social, da saúde, dos equipamentos colectivos ao serviço da família, das crianças, dos doentes e dos idosos - tudo carências que são supridas pelo esforço das mulheres. Um tal feminismo desenvolveu-se sobretudo a nível das camadas técnicas e intelectuais cujos instrumentos de análise permitiam reconhecer o logro da primeira etapa do feminismo. Neste segundo feminismo começa a esboçar-se já que a igualdade não é solução, que pretender atingir a situação do opressor é perpetuar o status quo. É aí o movimento social começa a transformar-se em vector político, a adquirir o cariz de uma ideologia política. No entanto, para ganhar impacto social, tal corrente encontra o travão das próprias mulheres, alinhadas nos valores e nas ta-

refas da "feminilidade", tal como uma sociedade de homens a queria e tornava possível. Mas essa feminilidade sofre ela também profundo abalo. Destinando-se a literatura que a propaga às camadas mais desfavorecidas entre as mulheres, vai esbarrar progressivamente com problemas que as intelectuais vinham identificando e denunciando. Dá-se, segundo a feliz expressão de Edgar Morin, a fusão entre a onda larga e a onda de choque. O feminismo adquire linguagem concreta, existencial, humana. A feminilidade adquire armas de combate, começa a conhecer os seus campos de luta.

É no momento desta fusão ou na sua possibilidade que se desencadeia uma nova força política - a força das mulheres solidárias entre si. Daí o entusiasmo que pomos na nossa libertação pessoal e colectiva. É que não está só em jogo a nossa própria realidade de pessoa humana a afirmar-se como ser completo e a vencer os determinismos ancestrais da sociedade. Tão pouco a nossa força se quer segregada no mundo, ainda que desejemos que entre nós caiam as barreiras de classe social, idade, raça, nacionalidade ou ideologia. É que o projecto político de que a força solidária das mulheres é portadora é profundamente subversivo, tocando os próprios alicerces da sociedade em que vivemos.

Interessa-nos mais a sociedade do que o Estado. Acreditamos mais na livre organização das pessoas do que nas instituições. Jogamos o provisório dinâmico contra a estabilidade instalada. Aceitamos o impulso das intuições como antídoto de uma racionalidade lógica e desumanizada. Apostamos no particular e pontual como única matéria do tecido conjuntivo da sociedade que a si mesma se gera. Rejeitamos visceral-

mente o mito do político e dos seus rituais, porque toda a história aí está para nos mostrar a sua inoperância. Rimo-nos de planos a curto, médio e longo prazo, porque até agora raras vezes eles se traduziram nestas coisas simples que são a alimentação, a saúde, o tecto, o emprego, a segurança social, a cultura, a comunicação entre as pessoas. Queremos desenhar uma utopia que transforme já hoje o concreto quotidiano. E sabemos que temos em nós energias que nunca intervieram na história e que, quando isso acontecer, mudar-se-á o curso dessa mesma história.

E o Cristianismo o que tem a ver com tudo isto? Penso que o Cristianismo é indispensável a este projecto. Porque oferece simultaneamente um horizonte último e um possível imediato. Porque é uma escatologia e uma conversão. Porque é uma comunhão e uma alteridade.

Horizonte último e possível imediato... Perante as contradições da vida política e das mutações sociais, Jesus Cristo torna-se cada vez mais o termo absoluto de toda a luta humana. Mas, ao mesmo tempo, não nos envia para um idealismo fora do domínio do possível. Pelo contrário, o Cristianismo como que nos situa num "materialismo idealista" - o reconhecimento de que as leis da história são inexoráveis dentro dos parâmetros que lhe são fixados, mas que somos soberanamente livres de nela introduzirmos novos parâmetros que a modificam e a reorientam. Sem Jesus Cristo, todo o movimento social feminista poderá deixar um lastro no tempo mas não terá vencido a última etapa da evolução humana - a assunção da sua condição na força cósmica que é o Cristo em todos.

Uma escatologia e uma conversão... Isto significa que todo o movimento social feminista prepara os tempos futuros, a plenitude dos tempos, a vinda de Cristo a este mundo. Mas não no vazio abstracto de uma esperança não fundamentada. Antes, sim, no pleno concreto da fé quotidiana, quer dizer, naquela radical transformação dos corações que permitirá descobrirmos a nossa própria verdade, sacudirmos o jogo das nossas alienações - ainda que confortáveis - e caminharmos no penoso e humilde processo da nossa própria libertação. Não é por acaso que muitas das mulheres dos movimentos feministas se tentam encontrar a si próprias no processo psicanalítico. Por esse ou por outros processos é preciso expulsar de vez os fantasmas que nos habitam ou tentar com eles uma coexistência que nos não paralize no quotidiano. Conversão das mulheres do nosso narcisismo, da nossa inveja, que fraudulentamente nos atacam. E que caminho pode ser esse senão o radicalismo que o Evangelho nos aponta?

Uma comunhão e uma alteridade... A solidariedade entre as mulheres não é fácil nem evidente. A sua condição de oprimidas leva-as a interiorizarem mecanismos de defesa mesquinhos e a confrontarem-se, em moldes idênticos ao do opressor, com os problemas do poder. Ora a grande oportunidade sociológica e política do movimento feminista actual é a descoberta vivencial do anti-poder, do "engagement déçagé", dos circuitos de relação e decisão que não resultam de hierarquias competitivas mas sim do reconhecimento espontâneo de qualidades e competências situacionais. As palavras do Antigo Testamento que Maria pronunciou na visita a sua prima Isabel são a plena consciência dessa total inversão das correlações de forças e do amanha-

cer do anti-poder. Por isso "todas as gerações a proclamam bem-aventurada".

Mas essa comunhão, só possível na superação das relações de poder, não é um nivelador de consciências, um menor denominador comum, uma construção de uniformidade. Pelo contrário, ela supõe a alteridade fundamental dos seus elementos uns em relação aos outros. Ora que alteridade mais "outra" podemos encontrar na história do que aquela que as mulheres experimentam em relação aos homens?

O movimento feminista actual acentua essa alteridade. Somos diferentes e temos gosto em sê-lo porque julgamos que com essa diferença, feita movimento social ou força política, resgamos também o horizonte para outra forma espiritual de estar no mundo. Reconhecemos tão profundamente que essa diferença, como todas as diferenças, é enriquecimento e grandeza para a humanidade inteira que nos abrimos à mais absoluta alteridade - a alteridade de Deus em relação à nossa condição humana. Se o movimento feminista ficar apenas na diferenciação entre homens e mulheres, será facilmente alienável em formas secundárias dessa diferenciação ou na fronteira da diferenciação para o separatismo. A dialéctica da comunhão e de alteridade não tem superação senão no Espírito de Deus - Espírito que autonomiza sem dividir, que reúne sem massificar, que confere a cada um, carismas próprios mas, ao mesmo tempo, "opera tudo em todos".

M.L.P.

SER MULHER

Yvonne Pellé-Douël  
in "Vie Consacrée",  
Maio-Junho de 1970,  
Desclée De Brouwer.

A MULHER - UM SER HUMANO

"As mulheres são assim... as mulheres são as sado"; "as mulheres são feitas para isto... as mulheres não são feitas para aquilo"; "as mulheres são feitas para obedecer, não são feitas para mandar"; "as mulheres são feitas para os trabalhos da casa, não são feitas para estudos intelectuais"...

Todas estas expressões revelam quadros mentais segundo os quais o ser humano se identifica com uma "natureza imutável, olhada quase como um destino. Ora é extremamente grave pretender reduzir o homem ou

a mulher a um destino que lhe é exterior. Se afirmamos que temos uma natureza humana - e longe de mim negar que todos nós somos parte do universo natural - é porque acreditamos que, enquanto seres humanos, podemos ultrapassar os dados que essa natureza nos impõe. Um animal tem uma natureza e permanece ligado a ela, enquanto que o homem pode continuamente modelar e remodelar a sua natureza, servindo-se dela para fins que a ultrapassam.

Atribuir às mulheres certas limitações, em função do que imaginamos ser a sua natureza fisiológica, biológica ou psicológica, é, em última análise, pôr em questão a sua qualidade de pessoas, reduzi-las a seres que não dispõem de liberdade. A nossa liberdade está inscrita numa natureza e dessa natureza decorrem certas tarefas, mas não são essas tarefas que nos definem enquanto pessoas.

DIFERENTES NIVEIS DA REALIZAÇÃO HUMANA

Para situarmos, devidamente, o problema da realização pessoal, precisamos de começar por distin-

guir as noções de "vocaçãõ", "vocações", "papel" e "função".

A noção de vocaçãõ situa-se ao nível daquilo a que os filósofos chamam o eu e corresponde à subjectividade mais profunda. Aquilo que eu sou - a pessoa única e insubstituível que é cada um de nós - escapa a qual quer tentativa de definição racional e é, de algum modo, incomunicável. Só Deus conhece o íntimo dos nossos corações... Por isso, a nossa vocação última, a vocação última de todos os homens e mulheres, é procurarmos em Deus o sentido de nossa existência, mesmo que essa procura não seja assumida como um acto religioso enquanto tal.

Quando em vez de vocação, falamos de vocações, situamo-nos a um outro nível: o nível da personalidade, e não já da pessoa. Cada um de nós tem um certo número de aptidões, de talentos, de capacidades que determinam uma grande diversidade de realizações pessoais possíveis. Nascemos com uma certa hereditariedade, com um certo carácter, com um certo número de condicionamentos sexuais e a cada um desses dados corresponde uma "vocaçãõ" potencial. A maternidade é uma das "vocações" potenciais de todas as mulheres - uma entre muitas outras -

visto que nenhuma aptidão esgota a totalidade do ser.

Se a vocação se situa ao nível da pessoa e as "vocações" ao nível da personalidade, os "papeis" situam-se ao nível da relação entre a pessoa e a colectividade. Há papeis de ordem familiar (o papel do pai, o papel da mãe...), há papeis de ordem social (o papel de governante, o papel de eleitor...), há papeis de ordem profissional (o papel do professor, o papel do engenheiro...), há papeis de carácter religioso (o papel do leigo, o papel do padre...). Os papeis podem ou não corresponder a aptidões ou "vocações" determinadas, mas exprimem sempre uma modalidade de relação interpessoal e colectiva, que corresponde a um determinado tipo de inserção na comunidade social.

As funções decorrem igualmente da nossa relação com a comunidade social, embora expressem um grau inferior de resposta a necessidades sentidas. Ninguém se pode identificar com as funções que desempenha! Posso, num momento realizar a função de cozinheira e no momento seguinte a função de motorista, respondendo a necessidades diferentes mas devo situar essas funções no seu devido lugar, sem permitir que a minha imagem de



pessoa total se confunda com elas!

Ora em relação às mulheres é frequente a confusão de planos. Confunde-se a sua vocação profunda com aquilo que é apenas aptidão, papel ou função. A maternidade é, sem dúvida, uma das "vocações" possíveis da mulher, vocação a que corresponde um determinado papel e determinadas funções, mas não é ela que determina a realização última das mulheres enquanto pessoas. Confinar a mulher à função da maternidade - real ou possível - é cometer uma deformação grave. O que pensaríamos se o mesmo se fizesse em relação ao homem, reduzindo-o à função da paternidade? A comparação talvez pareça bizarra, mas nem por isso deixa de ser pertinente. O homem e a mulher são mais do que as funções ou papéis que executam. A sua realização última - a que corresponde a sua vocação fundamental - situa-se noutro plano.

#### JESUS CRISTO E AS MULHERES

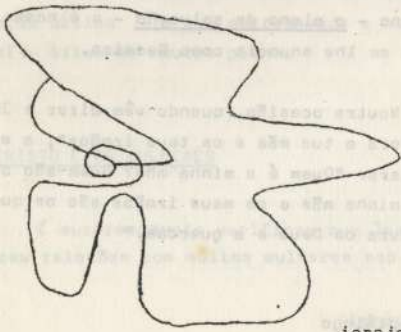
É surpreendente verificar que Jesus Cristo estabeleceu relações com muitas mulheres sob vários ângu-

los, mas nunca se dirigiu a elas em termos da sua função específica. Pelo contrário, dirige-se às mulheres no mesmo tom e com o mesmo tipo de familiaridade que tem para com os homens. Há como que uma liberdade profunda, soberana, na maneira como Cristo se relaciona com as mulheres, como se o seu olhar sobre elas as atingisse sempre no seu ser mais profundo.

Recordemos o episódio da Samaritana - mulher que teve vários "maridos". Jesus sabe-o e diz-lhe: "Vai chamar o teu marido". A samaritana começa a explicar-se... Mas ele interrompe-a: "Bem sei; já tiveste cinco? sete? maridos! E aquele com quem agora vives não é teu marido!" A conversa fica por aqui. O que se segue nada tem a ver com a natureza sexuada desta mulher. Entra-se noutro plano - o plano da salvação - e é nesse plano que Cristo se lhe anuncia como Messias.

Noutra ocasião, quando vêm dizer a Jesus: "Está lá fora a tua mãe e os teus irmãos", a sua resposta é clara: "Quem é a minha mãe? Quem são os meus irmãos? A minha mãe e os meus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a guardam."

O mesmo se passa quando, no meio da multidão, uma mulher exclama: "Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram!" Glorificação da maternidade? Certamente. Mas a resposta de Jesus vai mais além: "Antes bem-aventurado o que escuta a Palavra de Deus e a guarda." É por essa Palavra e pela resposta que ela evoca em cada um de nós, que todos - homens e mulheres - somos salvos, quaisquer que sejam as nossas aptidões, ou as tarefas e funções que a sociedade de nós reclama. Baptizados na fé, não há para nós "judeu nem grego, nem escravo nem homem livre, nem homem nem mulher", todos somos um em Cristo.



## O FEMINISMO E A IGREJA

in "Pro Mundi Vita",  
nº 56, Bruxelas, 1975,  
parte I.

### UM VELHO PROBLEMA

Para muitos dos nos os contemporâneos, a libertação da mulher aparece como um problema completamente novo. Ignoram que tem pelo menos um século. Aquilo a que hoje se chama o neo-feminismo nasceu, precisamente, do atrazo verificado na solução de um velho problema: o problema das mulheres se assumirem e serem assumidas pela sociedade como personas totais.

De que provem esse atrazo? Que resistências se opõem à luta feminista?

A primeira é a dificuldade em definir o próprio objecto da luta. Para muita gente o reconhecimento do estatuto da mulher considera-se adquirido. As leis evoluíram ou começam, pelo menos, a ser olhadas de forma menos estática... Que mais há a fazer? Modificar as mentalidades? Mas isso é um processo lento... Não será melhor deixar correr o tempo?

Este raciocínio está longe de ter em conta as zonas obcuras que existem no reconhecimento das mulheres como pessoas. Todas as explicações que se têm procurado para definir, de forma "científica", a natureza da mulher são hoje, cada vez mais, postas em questão. Como afirmar, "cientificamente", isto ou aquilo, se sabemos que todas as construções científicas são, em grande parte, fruto do ponto de vista de quem as elabora - fruto, neste caso, das condições de vida bem concretas de homens (atenção, "homens" e não "mulheres"!) profundamente marcados por séculos de machismo?

Sem entrar no debate sobre as implicações sociológicas da ciência, temos que reconhecer que não estamos em condições de definir de maneira satisfatória

o problema levantado pelos movimentos de libertação das mulheres, porque carecemos de modos de expressão e de instrumentos de pensamento adequados para determinar o seu alcance e investigar o seu conteúdo. O próprio conceito de "natureza" nos deixa insatisfeitos, visto que se trata de uma natureza sujeita à criatividade humana e não de uma regra irrefutável.

#### DOIS FEMINISMOS

Nestas condições, e dado que o essencial do problema se refere à identidade da mulher, convém abordar a questão sem arrogância, a partir dos dados do problema que, de momento, temos na mão. Sabemos, por exemplo, que o feminismo evoluiu profundamente de há um século para cá e que a sua evolução se pode esquematizar em duas etapas:

- A primeira, cujo termo coincide com o fim da segunda guerra mundial, corresponde à luta das mulheres para se introduzirem na sociedade dos homens;

. A segunda - e actual - traduz-se numa recusa crítica da sociedade dos homens, recusa que vai de par com a aspiração de vir a construir uma nova sociedade, onde os homens e as mulheres estabeleçam laços de reciprocidade, segundo um novo modelo, que ainda está por descobrir.

Embora nos preocupem sobretudo as aspirações do neo-feminismo, não podemos deixar de referir que mesmo os objectivos do primeiro feminismo não foram ainda alcançados. Em princípio, as mulheres têm hoje, em numerosos países, os mesmos direitos que os homens, mas isso não significa que a discriminação tenha deixado de existir. Assim:

- No campo dos direitos políticos, verificou-se, em quase toda a parte, a conquista do direito de voto, mas a percentagem de mulheres eleitas e a sua intervenção a nível do governo não têm comparação com o seu poder eleitoral...

- No campo dos direitos civis, a situação jurídica da mulher melhorou em muitos países, mas em nenhuma sociedade desapareceram completamente as

inferioridades e incapacidades a que os homens, tradicionalmente, as tinham reduzido: regime matrimonial, autoridade parental, estatuto do chefe de família, etc.

- No que se refere aos direitos sociais, a discriminação subsiste, tanto a nível das condições de trabalho e de salário, como a nível da formação profissional: dificuldade de re-emprego, cuidado dos filhos, etc. A condição das mulheres beneficia, em geral, das vantagens sociais conquistadas pelos homens, mas, quase sempre, mais tarde ou em menor grau do que estes. Enquanto as mulheres permanecem confinadas a empregos subalternos, pouco qualificados e pouco propícios à valorização das qualidades que asseguram a ascensão profissional, os homens podem votar, de boa fé, a Declaração das Nações Unidas ou a convenção nº 100 da Organização Internacional do Trabalho; na prática, a sua situação continuará a ser de inferioridade. Como explicar, por exemplo, que todo o trabalho doméstico e trabalho com os filhos não sejam ainda socialmente reconhecidos como "trabalho"?

## REPRODUÇÃO DE MODELOS CULTURAIS

Quando nos interrogamos sobre a razão de ser destes factos, a tendência corrente em certos meios é atribuir a sua responsabilidade à exploração capitalista. A prática mostra, porém, que o socialismo não traz consigo, necessariamente, a resposta desejada. Embora a "libertação por decreto" tenha ido tão longe quanto possível em alguns países socialistas, também aí os resultados concretos não são tão radicais como as leis.

Somos então levados a abordar a questão sob outro ângulo, perguntando-nos se as mulheres têm nas mãos os meios de libertação que os homens lhes propõem ao modificar as leis. Abrir às mulheres todos os postos de trabalho, incluindo os postos directivos, mantendo sobre elas a carga da quase totalidade dos trabalhos domésticos e da educação das crianças é atribuir-lhes um peso incongruente. O estudo dos orçamentos-tempo das mulheres mostra-o com evidência.

Podemos também perguntar-nos por que razão as mulheres aceitam tão facilmente que esta situação se

mantenha. Aí a resposta é clara: está em causa o próprio processo de socialização, isto é, a aprendizagem dos modelos de pensamento e de comportamento, que condicionam a vida em sociedade, e, conseqüentemente, a forma de pensar e de agir de todos os seus membros.

De facto, apesar da infinita variedade das culturas humanas e das vicissitudes históricas por que cada uma delas passou, pode reconhecer-se uma constante geral: ao reservar às mulheres os cuidados da infância, era-lhes atribuída também a reprodução cultural dos modelos próprios de cada sexo. Um estudo atento das sociedades tradicionais (e a sociedade ocidental foi-o até à revolução industrial) faz aparecer em toda a parte dois "mundos" distintos - um mundo de mulheres e um mundo de homens. As crianças do sexo masculino pertencem primeiro ao "mundo" das mulheres e são estas que as preparam para aceder mais tarde ao "mundo" dos homens. As crianças do sexo feminino permanecem, desde o nascimento, no "mundo" das mulheres e são por elas preparadas para os papéis de esposa e mãe, com as correspondentes funções de reprodução da vida e dos modelos culturais próprios da sociedade onde nascem.

Só com a revolução industrial esta situação começa a alterar-se. Pela primeira vez, na história da civilização, as mulheres tomam consciência de que os modelos tradicionais são inadequados para fazer face a situações completamente novas. Voltar ao passado é impossível. Mas onde procurar os modelos do futuro?

#### PRIMEIRAS DENUNCIAS

Se nos perguntarmos que factores contribuirão mais para a mudança em curso, verificaremos que um dos factores fundamentais corresponde ao crescimento da informação, de que cada um de nós é receptor involuntário.

Uma sociedade industrializada ou em vias de industrialização é uma sociedade que se alfabetiza, que se escolariza, e que se abre, portanto, à proliferação da informação veiculada pelos meios de comunicação social. Numa tal sociedade, tarde ou cedo, assistimos à emergência de uma elite, de uma "intelligentsia" feminina capaz de captar a sua própria situação utilizando critérios exteriores ao mundo tradicional das mulhe-

res. Como estão de posse dos instrumentos necessários para pôr em causa o seu estatuto tradicional, são elas as primeiras a denunciar a sua impotência e a pretender conquistar o poder que julgam estar nas mãos dos homens. Foi neste contexto que surgiu o primeiro feminismo e que se deu a batalha para obter o direito de voto, símbolo do poder político.

Segue-se a fase em que a maioria das mulheres passa pela escola, adquire, em muitos casos, formação superior, é sujeita a um leque imenso de informações e se torna assim capaz de relativizar e criticar quadros e leis sociais que lhes são transmitidos. É então que surge, nos países ocidentais, um conjunto de mulheres capazes de pôr em questão não só o mundo das mulheres como o próprio mundo dos homens. Trata-se de uma classe intelectual profundamente insatisfeita, que recusa ver-se encaixilhada nos papéis de esposa e mãe e que se insurge contra o que lhe aparece, cada vez mais, como o absurdo de um universo em que os homens continuam a decidir, inexoravelmente, o seu destino. À medida que o seu número aumenta, como estranhar que as crianças e a juventude por elas formadas comecem a sentir-se cada vez mais perplexas e ansiosas face à sociedade?

No conjunto, porém, a maioria das mulheres ocidentais está ainda longe de ter tomado consciência das contradições que lhes impõe a sociedade em que vivem. Sentem, confusamente, que "há alguma coisa que não vai", que apesar dos seus esforços e, por vezes, dos seus remorsos, são incapazes de educar os filhos como fizeram as suas mães, mas não ousam ainda fazer outra coisa. Aceitam, como sempre aceitaram, estar subordinadas à vontade do "mais forte", mas sabem já o suficiente para esperar que as suas filhas e netas tenham melhor sorte. Vivem, no fundo, uma situação desconfortável e ambígua - situação que a elite feminista sabe denunciar, mas que a maioria das mulheres suporta silenciosamente.

#### A BUSCA DE UMA NOVA FEMINILIDADE

A busca de uma nova feminilidade traduz-se, antes de mais, na recusa do papel de esposas e de mães, recusa que tem incidências profundas tanto na vida de família como nas estruturas do trabalho.

No que se refere à vida familiar, verifica-se que as famílias se apresentam, cada vez mais, como um

conjunto de pessoas autónomas ou em vias de autonomia que contam umas com as outras para as estimularem mutuamente como pessoas e que consideram esse intercâmbio pessoal como condição sine qua non do seu estar em conjunto. Muitas mulheres pensam, além disso, que o contexto familiar é demasiado estreito para que seja possível um intercâmbio interpessoal fecundo. Os papéis de esposa e mãe não lhes bastam. O trabalho fora de casa aparece-lhes como exigência fundamental.

O trabalho que pretendem não é, porém, qualquer trabalho. Não as satisfazem já os trabalhos repetitivos e mecânicos, que habitualmente são reservados à mão de obra feminina. O trabalho a que as mulheres neo-feministas aspiram é o que lhes permita realizarem-se como pessoas, descobrirem-se, exprimirem-se e actuarem sobre o mundo. À partida, as suas aspirações poderão ser limitadas: a mulher agrícola imagina que se liberta tornando-se operária; a operária procura libertar-se tornando-se dona de casa; a dona de casa aspira por uma profissão que a valorize. Mas à medida que a conscientização se processa, dá-se uma reacção em cadeia que se precipita numa contestação radical. O que as mulheres querem é uma nova sociedade. Quem sabe até onde as levará essa procura?

## INTERPELAÇÃO DO FEMINISMO À IGREJA

Faca à Igreja, a atitude do neo-feminismo tem sido - como era de esperar - uma atitude crítica. Acusam-na de ser uma organização sexista, imbuída de exclusivismo masculino, desesperadamente cega ante a violência que exerce para com as mulheres e todavia responsável pela servidão a que tantas se encontram ainda sujeitas. Que contraste entre a afirmação teórica de igualdade entre homens e mulheres e a realidade da subordinação da mulher ao homem, como se se tratasse da vontade de Deus! E que subordinação! O Direito Canónico é um monumento jurídico imposto às mulheres, codificando as suas inferioridades e as suas incapacidades, reservando aos homens todos os poderes, todas as responsabilidades, todas as prioridades. Enquanto no resto do mundo, há mais de um século que as legislações começaram a modificar-se a favor da mulher, o Direito Canónico, cuja formulação é de 1917, continua substancialmente na mesma...

Ao contrário do que se pode pensar, o que as mulheres pretendem não são conquistas simbólicas, "prémios de consolação", mesmo que um desses prémios fosse

a ordenação sacerdotal. Trata-se de algo completamente distinto, algo que comprometa tanto os homens como as mulheres e que terá de ser procurado na oração, na reflexão e na prática: trata-se de descobrir, em termos novos, que em Cristo "não há homem nem mulher" (Gal. 3,28).

Descobrir em termos novos não significa, porém, que se parta do zero. Quer queiramos quer não, foi a história da Igreja que fez de nós aquilo que hoje somos e isso não há nenhum decreto que possa apagar. Da afirmação de uma igualdade teórica, perante Deus, a Igreja terá que passar a uma igualdade de facto, perante os homens. Terá, sobretudo, que ser capaz de olhar o feminismo como um dado, um sinal dos tempos que, embora não tenha nascido no seu seio, é um desafio irrefutável à sua presença no mundo. A questão não está em saber se se é por ou contra o feminismo, está em saber como enfrentá-lo e como superá-lo à luz da fé numa libertação universal.



## UMA NOVA IMAGEM

### DE DEUS

Mary Daly,  
in "The Church and the Second  
Sex", Harpers and Row, 1975

#### PORQUÊ FALAR DE DEUS ?

Poderá pensar-se que a revolução feminista deveria seguir o seu caminho, procurando despertar uma nova consciência entre as mulheres, sem se preocupar com a questão de Deus. Para mim, tal posição implica que se põe de parte uma questão fundamental da existência humana e que com isso se elimina o próprio radicalismo que tal revolução supõe.

De facto, qualquer esforço consistente de auto-transcendência implica que se olhe de frente a questão da transcendência última, ou seja, a questão de Deus. Implica o reconhecimento de que não temos qualquer poder sobre a realidade última e de que o pouco ou muito poder de que dispomos deriva da nossa participação nessa realidade. É esta consciência que nos torna capazes de superar a idolatria e de admitir que todos os objectivos, modos de vida, símbolos e estruturas sociais que hoje prosseguimos são, em última análise, transitórios.

As feministas do passado foram, de certo modo, idólatras em relação aos seus objectivos. O direito de voto, por exemplo, foi olhado no seu tempo como uma meta quase absoluta, enquanto aos nossos olhos surge como uma conquista puramente simbólica, dado o contexto social e estrutural em que se inseriu.

Para o movimento feminista de hoje estão em causa objectivos muito mais amplos, não só no seu alcance histórico como até numa perspectiva cósmica e, em última análise, religiosa. É por isso que podemos afirmar que a questão de Deus abre o movimento feminista às

suas verdadeiras dimensões: as dimensões de uma realidade verdadeiramente última, projectada num futuro absoluto e não fixa em objectivos próximos e limitados.

#### "A IMAGEM DE DEUS"

A ideia de que os seres humanos são criados à imagem de Deus é fruto de uma intuição cujas implicações dificilmente poderão ser exploradas enquanto estivermos dominadas por padrões patriarcais. Se é verdade que os seres humanos projectam "Deus" na sua própria imagem, é também verdade que essa projecção só será significativa na medida em que acompanhar o desenvolvimento das novas etapas da consciência humana. Não é o próprio potencial criador dos homens e mulheres um reflexo da imagem de Deus?

Como principais vítimas das projecções arcaicas que modelam essa imagem, cabe às mulheres fazer avançar este processo criador para uma nova fase. Para isso, terão que se tornar iconoclastas, terão que destruir ídolos, a começar pelo ídolo das imagens interiorizadas da superioridade masculina, tanto ao nível das

consciências como das estruturas culturais que as alimentam...

Uma das falsas divindades que lhes caberá destronar é a imagem do Deus-explicação, ou, na expressão de Bonhoeffer, "o Deus tapa-buracos", em relação às falhas do nosso conhecimento ou da nossa acção. É à luz dessa imagem que se têm pretendido justificar muitas das desigualdades existentes a nível do poder e dos privilégios, argumentando que "é essa a vontade de Deus". Ora as mulheres, enquanto objecto dessa "explicação", estão em condições privilegiadas para denunciar que a "vontade de Deus" serve, muitas vezes, de capa à incompetência, à ignorância e ao mal. Ao despertar para a consciência de que a sua situação de marginalidade foi, durante séculos alimentada por falsas "explicações", tornam-se capazes de pôr em causa essa falsidade, mesmo que ela seja sancionada por mitos religiosos ancestrais.

Outro ídolo a destronar é o Deus-do-outro-mundo. No passado, a face mais marcada desta divindade era a do juiz, cuja actividade consistia em recompensar e punir depois da morte. Como indica Simone de Beauvoir,

as mulheres foram os principais consumidores deste produto religioso. Como o sexo feminino dispunha de tão poucas possibilidades de auto-realização nesta vida, era natural que fixasse a sua atenção na outra... Compreende-se, assim, que as mulheres, na qualidade de consumidoras em massa desta imagem, se sintam hoje no direito de a remover do mercado, procurando viver as suas vidas plenamente, aqui e agora. Não se pretende com isto reduzir a experiência das mulheres à sua dimensão terrena e secular. Pretende-se, sim, abrir caminho para uma compreensão mais profunda do "outro mundo" - com apreensão segundo a qual o próprio processo de criação de um mundo alternativo, capaz de ultrapassar as estruturas sociais que nos oprimem, é já, em si mesmo, uma forma de participação na vida eterna.

Um terceiro ídolo, intimamente relacionado com os outros dois anteriores, é o Deus-árbitro-do-pecado, o Deus que confirma a rectidão das regras e papéis do sistema reinante, alimentando falsos critérios e falsas culpabilidades. As mulheres têm sido vítimas, tanto mental como fisicamente, desta divindade, em cujo nome se tem defendido que o lugar das mulheres é no "lar", que as esposas se devem subordinar aos maridos, que os

papeis de liderança, na sociedade como na Igreja, cabem necessariamente aos homens...

Não será, pois, de esperar que, à medida que as mulheres cresçam em respeito próprio, sejam levadas a dar um golpe de morte a estes preconceitos disfarçados em falsas divindades?

#### A LIBERTAÇÃO DAS MULHERES - UMA REVOLUÇÃO ESPIRITUAL

O confronto radical que o processo de libertação das mulheres implica com as raízes do próprio ser, abre novas perspectivas à compreensão do que é hoje a esperança. Não a esperança passiva que se revela na história das atitudes religiosas do passado e que corresponde à imagem de um Deus objecto, de quem os homens esperam favores. A esperança a que aqui nos referimos supõe outro Deus: um Deus cujo poder se revela na forma como incita os seres por ele criados a agirem a partir da esperança que neles reside e a tornarem-se aquilo que verdadeiramente podem ser...

Esta esperança é profundamente comunitária. À sua luz, todos os seres vivos participam no ser total,

que é "tudo em todos" e, ao mesmo tempo, transcende todos. Porque supõe uma relação profunda com todos os seres criados - humanos e não humanos - é, ontologicamente, uma esperança cósmica; o seu dinamismo dirige-se à comunidade universal.

Viver esta esperança é viver uma opção radicalmente revolucionária. Basta que as mulheres comecem a tomar consciência da situação desumana em que se encontram e se tornem capazes de ver para além das projeções culturais que a sociedade lhes propõe, para perceberem que é a própria condição humana que está ameaçada e daí partirem para um compromisso revolucionário radical. Um preto ou um branco, um marxista ou um capitalista, um conformista ou um inconformista não levam, em geral, a lógica do seu empenhamento até ao confronto com a mais dramática das questões humanas - a questão de Deus. O movimento de libertação das mulheres assume esse confronto, reconheça que ele corresponde a uma necessidade vital do ser. O seu radicalismo situa-se, assim, para além das lutas desencadeadas por todos os outros movimentos revolucionários do nosso tempo: situa-se nas próprias raízes ontológicas do ser, de todos os seres, no seu movimento para um absoluto total - um "Deus sem nome", porque nenhum nome pode fixar o seu devir permanente.

## AS MULHERES

### NA NOVA SITUAÇÃO

#### DA IGREJA

Karl Rahner,

in "La Femme dans le Nouveau  
Départ de l'Eglise", ed. Privat,  
Toulouse, 1966, págs. 106-115

Que significado tem para a mulher a nova situação da Igreja, num mundo novo?

Impossível responder aqui, de maneira sistemática e exaustiva, a esta questão. Tentarei apenas indicar alguns elementos de resposta, escolhidos entre mil outros igualmente importantes.

## IGUALDADE DE DIREITOS

Tudo o que a teologia actual afirma sobre o sacerdócio universal do povo de Deus, sobre o lugar e a missão dos leigos na Igreja, sobre a autonomia relativa dos diversos factores de civilização, sobre o carácter secular do mundo e das suas estruturas, sobre a missão redentora e santificadora do cristão no mundo - tudo isso vale tanto para a mulher como para o homem. É fácil afirmá-lo, sem dúvida! Mas a prática está longe de o confirmar. Quando os primeiros leigos foram convidados a participar no Concílio, "naturalmente" que apareceram homens. Ora é essa naturalidade que importa pôr em questão.

É certo que existe um ponto em que a igualdade de direitos da mulher parece ter, na Igreja, um limite: trata-se da impossibilidade de receber ordens sagradas e de aceder, através delas, à hierarquia. A questão é complexa e os argumentos teológicos por ela suscitados inspiram-se frequentemente em ideias e posições que já não se podem considerar válidas no nosso tempo. Qualquer que seja a nossa opinião pessoal sobre o prin-

cípio que exclui as mulheres das ordens sagradas, o certo é que, se queremos realizar na prática a igualdade de direitos da mulher na Igreja, essa não é, de forma alguma, a questão fundamental. Há outras coisas bem mais importantes a fazer.

## NOVOS TEMPOS NOVAS TAREFAS

Quanto mais o mundo se diversifica, mais a civilização e a vida em sociedade se tornam complexas, mais formas de existência se multiplicam, mais tarefas surgem para o indivíduo e para as comunidades. Neste novo contexto, quanto mais os homens e as mulheres se assumirem como seres iguais, em capacidade e em direitos, mais a vida da Igreja se transformará e maior será a sua influência no mundo.

As novas tarefas que a nova civilização impõe dão origem a uma enorme variedade de funções, que não são específicas de um ou de outro sexo. Na Igreja, como em outras esferas da vida social, caberá aos homens e às mulheres realizá-las em plena igualdade de direitos, sem o que a Igreja se verá desprovida de uma dimensão fundamental da sua missão no mundo.

#### PROCURA DE NOVOS MODELOS

As modalidades próprias de cada nova resposta à evolução do mundo e da sociedade não podem ser ditas por directivas "oficiais". Cabe à mulher descobri-las. Mesmo no plano doutrinal e normativo, a resolução dos problemas que hoje se põem às mulheres depende, em grande parte, da capacidade que elas tiverem de formular as suas questões. A hierarquia da Igreja pode, evidentemente, como no passado, proclamar as normas do direito natural e os princípios evangélicos que devem funcionar como quadro de referência. Mas isso não basta. Quanto mais o presente se torna complexo, quanto mais o homem toma em mão o seu próprio destino, quanto mais ele racionaliza e humaniza a sua existência, maior se torna o fosso entre as normas abstractas e a sua aplicação concreta, entre as propostas gerais e o quotidiano vivido.

Não podia, aliás, ser de outro modo. Na situação actual, todos os dias fazemos a experiência da diferença ontológica que se faz sentir entre o geral e o particular, como se existisse um abismo entre os dois mundos. É perfeitamente natural que a Igreja hierárqui-

ca se sinta hoje incapaz de definir modelos concretos exemplares relativamente à vida e ao comportamento das mulheres. Esses modelos terão que ser procurados pelas próprias mulheres, nas situações em que se encontrem. A Igreja oficial poderá, quando muito, estimular e enquadrar essa procura. Mas a iniciativa terá de ser das mulheres, não dos quadros hierárquicos.

No passado, a aplicação das leis gerais da igreja em normas práticas fazia-se directamente, sem pôr em questão a adequação concreta entre o particular e o geral. O importante era saber o que se devia fazer e ter a coragem de o pôr em prática. Hoje, porém, as normas do Evangelho parecem distanciadas da acção concreta. Faltam modelos vividos que possam ser propostos como ideal.

É, precisamente, esse novo ideal que cabe à mulher inventar. Só ela poderá descobrir e manifestar, de forma clara e convincente, como se pode ser uma mulher do seu tempo - na profissão, no casamento, na política, na ciência - e, ao mesmo tempo, uma verdadeira cristã, que dá testemunho da sua fé, da sua esperança e da sua caridade.

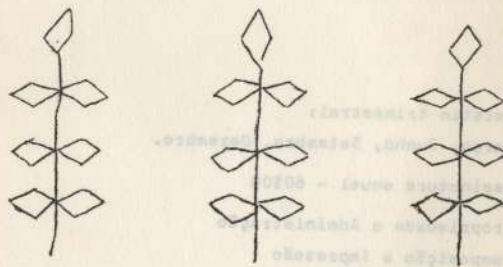
### NECESSIDADE DE UMA SÓLIDA REFLEXÃO TEOLÓGICA

A descoberta das formas como a vida feminina pode, hoje, expandir-se em todas as suas dimensões e, simultaneamente, testemunhar as exigências de um cristianismo adulto é, assim, a tarefa primordial da mulher dentro da Igreja. Para a realizar - num tempo em que tudo é sujeito ao crivo do pensamento e da racionalidade - as mulheres terão que basear-se numa sólida reflexão teológica. Na procura de soluções concretas para os seus problemas, partirão, sem dúvida, da acção e da reflexão pessoal, lúcida e crítica, sobre os acontecimentos. Mas essa reflexão só será fecunda se contar com o apoio de um conhecimento teológico aprofundado e de um contacto directo e vivo com a Escritura.

Para tal, é, não só desejável como indispensável, que as mulheres se iniciem mutuamente nos mistérios da fé e na prática da vida cristã. Não em termos de saber puramente teórico ou de normas gerais de comportamento, mas em termos de uma sabedoria religiosa modelada pela experiência, de um saber existencial que

se comunica em termos simples e que, por ser elaborado por mulheres, terá, de algum modo, um cunho feminino.

A nova situação da Igreja, provocada, sobretudo, pela crise de civilização que atravessamos, obriga as mulheres a interrogarem-se sobre si mesmas. A mulher tornou-se o problema da mulher. E esse problema, na Igreja como na sociedade civil, só ela o poderá resolver.



Boletim trimestral:

Março, Junho, Setembro, Dezembro.

Assinatura anual - 60\$00

Propriedade e Administração

Composição e Impressão

Secretariado Nacional do Graal

Av. Afonso Henriques, 28-3º COIMBRA

Directora

Maria Teresa Santa Clara Gomes